

LAURA LYNNE JACKSON

**UMA
LUZ
ENTRE
NÓS**

**HISTÓRIAS DO CÉU.
LIÇÕES PARA A VIDA.**

Tradução

AFONSO CELSO DA CUNHA

LUIZ ARAÚJO



FONTANAR

Copyright © 2015 by Laura Lynne Jackson LLC
Todos os direitos mundiais reservados ao proprietário.

O selo Fontanar foi licenciado para Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Light between Us —
Stories from Heaven. Lessons for the Living

CAPA Fernando Naigeborin

PREPARAÇÃO Mariana Delfini

REVISÃO Ana Maria Barbosa e Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jackson, Laura Lynne

Uma luz entre nós : Histórias do céu. Lições para a vida. /
Laura Lynne Jackson ; tradução Afonso Celso da Cunha,
Luiz Araújo. — 1ª ed. — São Paulo : Fontanar, 2015.

Título original: The Light between Us : Stories from
Heaven. Lessons for the Living.

ISBN 978-85-390-0721-9

1. Médiuns – Estados Unidos – Biografia 2. Médiuns
mulheres – Estados Unidos – Biografia i. Título.

15-09597

CDD-133.91092

Índice para catálogo sistemático:

1. Médiuns : Estados Unidos : Biografia 133.91092

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

Sumário

<i>Introdução</i>	11
-------------------------	----

PARTE UM

1. Pop Pop	21
2. A garota na mercearia	28
3. Austrália	33
4. Paixonite	40
5. John Moncello	49
6. Litany Burns	56
7. O caminho pela frente	63
8. Oxford	68
9. Sedona	72
10. Perturbação	77

PARTE DOIS

11. Abertura	87
12. A chegada	92
13. A tela	99
14. Amar e perdoar	104
15. Qual é o seu lugar	109

16. Família para sempre	118
17. Mais coisas no céu e na terra	127
18. O quepe do policial	132
19. A última criança	140
20. A abelha presa	146
21. Dois meteoros	154
22. O Instituto Windbridge	163

PARTE TRÊS

23. O Canarsie Pier	177
24. Resolvendo o enigma	184
25. A diretora	191
26. Manipulando os cordões	198
27. A fênix	207
28. O bonsai	215
29. O EEGQ	225
30. Interligação	232
31. A piscina	239
32. Angel Way	244
33. A luz no fim	250
<i>Agradecimentos</i>	261

PARTE UM

1. Pop Pop

Na tarde ensolarada de uma quarta-feira de agosto, quando eu tinha onze anos, minha irmã, meu irmão e eu brincávamos na pequena piscina no quintal de nossa casa, em Long Island. Restavam apenas poucos dias de férias antes da volta às aulas, e tentávamos aproveitar os últimos segundos de diversão daquele fim de verão. Minha mãe apareceu no quintal para dizer que estava indo visitar nossos avós em Roslyn, a cerca de cinquenta minutos de carro. Durante anos, sempre a acompanhei nessas visitas a meus avós e sempre gostei disso. Mas, à medida que eu crescia, outras atividades se tornavam mais interessantes, e às vezes minha mãe ia sozinha e nos deixava em casa. Naquele dia radiante de verão, ela sabia que não havia a menor chance de tirar algum de nós da piscina.

“Divirtam-se, crianças”, disse para nós. “Estarei de volta em poucas horas.” E assim deveria ter sido.

Mas, de repente, entrei em pânico.

Senti alguma coisa bem dentro dos meus ossos. Simples, inexplicável, o mais puro e gélido pânico. Levantei-me na piscina e berrei para a minha mãe.

“Espera”, gritei. “Tenho que ir com você!”

Minha mãe riu. “Tudo bem, pode ficar”, disse ela. “Divirta-se, o dia está lindo.”

Mas eu já estava remando loucamente para a borda da piscina, meu irmão e minha irmã me olhando, pensando em que bicho me mordera.

“Não!”, exclamei. “Quero ir com você! Por favor, por favor, espera.”

“Laura, tudo bem...”

“*Não, mamãe, tenho que ir com você!*”

Minha mãe parou de rir. “Está certo, acalme-se”, disse. “Entre, troque de roupa, que eu espero.”

Entrei em casa ainda pingando, vesti alguma coisa, corri de volta para o quintal e sentei no carro ainda meio molhada, totalmente apavorada. Uma hora depois, estávamos na entrada da garagem da casa de meus avós, e vi meu avô — que eu chamava de Pop Pop — acenando para nós da varanda. Só então, quando o vi e o abracei, o pânico desapareceu. Passei as horas seguintes na varanda com Pop Pop, conversando, rindo, cantando e contando piadas. Na hora de ir embora, dei um beijo e um abraço nele e disse: “Eu te amo”.

Nunca mais o vi vivo.

Eu não sabia que Pop Pop vinha se sentindo fraco e cansado. Os adultos nunca me diziam essas coisas. Naquele dia, ele parecia o mesmo de sempre — caloroso, engraçado e brincalhão. Ele devia ter juntado todas as suas forças para se mostrar saudável. Três dias após minha visita, Pop Pop foi ao médico e recebeu a notícia arrasadora de que tinha leucemia.

Três semanas depois, Pop Pop morreu.

Quando minha mãe se sentou comigo, minha irmã e meu irmão no sofá e nos disse com jeito que o vovô morreria, senti uma golfada de emoções. Choque. Confusão. Descrença. Raiva. Tristeza profunda. Uma sensação intensa, pavorosa de já tê-lo perdido.

Pior que tudo, senti uma culpa terrível e devastadora.

No momento em que soube da morte de meu avô, comprehendi exatamente por que eu fora acometida de um pânico tão intenso paravê-lo. Eu já sabia que ele morreria em breve.

Evidentemente, eu não teria como *saber* que ele morreria. Nem mesmo tinha ideia de que ele estava doente. E, no entanto, de alguma maneira, eu de fato soubera. Por que outra razão teria feito tanta questão devê-lo?

Mas se eu de fato sabia, por que não expressei essa sensação — para Pop Pop, para minha mãe, ou até para mim mesma? Eu não tivera nenhum pensamento nítido, nem mesmo nenhuma intuição, de que havia algo errado com meu avô, e não tinha ido visitá-lo naquele dia com nenhum tipo de premonição de que aquela seria a última vez que o veria. Tudo o que senti foi uma impressão misteriosa de saber. Eu não compreendia isso de modo algum, mas aquilo me deixou com um terrível desconforto, como se eu, de alguma maneira, fosse cúmplice do falecimento de Pop Pop. Senti como se tivesse alguma ligação com as forças cruéis que ceifaram a vida de meu avô, o que fez com que me sentisse tremendamente culpada.

Comecei a pensar que havia algo de muito errado comigo. Eu nunca soubera de ninguém que fosse capaz de sentir quando alguém morreria, e agora que aquilo acontecera eu não sabia por onde começar a tentar entender isso. Tudo o que entendia era que aquilo era uma coisa horrível de saber. Convenci-me de que eu não era normal; tinha sido amaldiçoada.

Uma semana depois, tive um sonho.

No sonho, eu já me tornara adulta e era atriz. Morava na Austrália. Estava usando um vestido longo e colorido do século XIX, me achando linda. De repente, me senti extremamente preocupada com minha família — a mesma família que eu tinha na vida real. No sonho, senti um aperto no peito e desmaiei. Eu estava consciente de que estava morrendo.

No entanto, não acordei — o sonho prosseguiu. Senti que estava deixando meu corpo físico e me tornando uma consciência flutuante, capaz de observar tudo ao meu redor. Vi minha família reunida em torno do meu corpo na sala onde eu desfalecera, todos chorando. Fiquei tão transtornada ao vê-los naquele estado de dor intensa que tentei gritar para eles. “Não se preocupem, estou viva! A morte não existe!”, gritei. Mas foi inútil, porque eu já não tinha voz — eles simplesmente não conseguiam me ouvir. Tudo o que eu podia fazer era transmitir meus pensamentos a eles. E então comecei a me afastar,

como um balão de hélio que alguém solta no ar, e flutuei para longe, muito acima de todos, para a escuridão — uma escuridão densa e serena, com belas luzes cintilantes por toda parte. Senti-me inundada por uma forte sensação de calma e bem-estar.

E exatamente naquele momento tive uma visão incrível.

Vi Pop Pop.

Ele estava ali, no espaço bem à minha frente, embora não em seu corpo físico, mas em espírito. O seu espírito, maravilhosa e indiscutivelmente seu. Minha consciência de imediato reconheceu a consciência dele. E ele era um ponto de luz, como uma estrela brilhante no céu escuro, porém a luz era poderosa e magnética, me atraía para ela e me enchia de amor. Era como se eu estivesse vendo o verdadeiro eu de Pop Pop — não seu corpo terreno, mas essa luz interior mais brilhante que era de fato ele. Eu estava vendo a energia de sua alma. Compreendi que Pop Pop se salvara e se encontrava em um lugar maravilhoso, cheio de amor. Compreendi que ele estava em casa e, naquele instante, também comprehendi que aquele era o lugar de onde todos procedemos, o lugar a que todos pertencemos. Ele retornara ao lugar de onde tinha vindo.

Ao constatar que aquele era Pop Pop e que ele ainda existia de alguma maneira, fiquei menos triste. Inundei-me de um amor imenso, de um grande conforto, e, no instante do reconhecimento, de grande felicidade. E pouco antes de ser levada de novo para casa, com Pop Pop, senti alguma coisa se fechando ao meu redor e me atraindo de volta.

Então acordei.

Sentei-me na cama. Meu rosto estava molhado. Eu estava chorando. Mas não estava triste. Eram lágrimas de alegria. Estava chorando porque conseguira ver Pop Pop!

Voltei a deitar e chorei por muito tempo. Eu descobrira que a morte não significava perder a pessoa amada. Sabia que Pop Pop ainda estava presente em minha vida. Sentia-me muito grata pelo sonho.

Somente anos depois — muitos anos — reuni experiência suficiente para compreender o que o falecimento de Pop Pop e os acontecimentos subsequentes significaram na minha vida.

O que eu senti na piscina foi o começo da viagem da alma de Pop Pop para algum outro lugar. Porque eu o amava tanto — porque estava ligada a ele com tanta intensidade —, minha alma conseguia sentir que a alma dele estava a ponto de iniciar uma jornada. E perceber aquilo não era uma maldição, de modo algum. Foi o que me permitiu passar aquela última tarde mágica com Pop Pop. Se aquilo não era um dom, o que seria?

E o sonho?

O sonho me convenceu de uma coisa — de que Pop Pop não se fora. Ele só estava em outro lugar. Mas onde? Onde ele estaria exatamente?

Não pude responder a essa pergunta quando tinha onze anos. Com o passar do tempo, porém, vim a descobrir que Pop Pop estava no Outro Lado.

O que quero dizer com Outro Lado?

Faço uma analogia simples para explicá-lo. Pense em seu corpo como um carro — novo, de início; depois, já rodado; e, por fim, velho. O que acontece com os carros quando viram calhambeques? São descartados.

Mas nós, humanos, não somos descartados com os carros. Seguimos em frente. Continuamos avançando. Somos maiores que o carro, e nunca fomos definidos pelo carro. Somos definidos pelo que levamos conosco quando deixamos o carro para trás. Duramos mais que o carro.

Tudo em minha experiência me diz que duramos mais que nosso corpo. Seguimos em frente. Continuamos avançando. Somos maiores que nosso corpo. O que nos define é o que levamos conosco depois que deixamos nosso corpo para trás — nossas alegrias, nossos sonhos, nossos amores, nossa consciência.

Não somos corpos com almas.

Somos almas com corpos.

Nossa alma perdura. Nossa consciência perdura. A energia que nos impulsiona perdura. O Outro Lado, então, é o lugar para onde vai nossa alma quando nosso corpo é descartado.

Isso levanta muitas questões. O Outro Lado é um lugar? É uma esfera? É um reino? É material ou espiritual? É uma estação no percurso ou um destino final? Qual é a sua aparência? Que sensações desperta? Lá se veem nuvens douradas e portões perolados? Há anjos no Outro Lado? Lá se encontra Deus? O Outro Lado é o céu?

Minha compreensão do Outro Lado se desenvolveu aos poucos, e mesmo hoje estou convencida de que conheço apenas uma pequena parte do que há para conhecer. Mas não precisamos imaginar ou compreender em plenitude o Outro Lado para extrair grande conforto dele. Na verdade, muita gente já acredita que nossos entes queridos que se foram ainda estão entre nós — em espírito, em nossos corações, participando de nossa vida por meio das recordações. E essa crença é muito enriquecedora.

Contudo, a realidade do que acontece quando nossos entes queridos partem para o Outro Lado é infinitamente mais reconfortante do que se supõe, porque essas almas estão muito mais perto do que pensamos.

Eis as primeiras duas verdades que aprendi através do meu dom:

1. Nossa alma perdura e retorna para um lugar que denominamos o Outro Lado; e
2. O Outro Lado está realmente muito perto.

Quão perto? Experimente o seguinte: pegue uma folha de papel comum. Segure-a à sua frente, como se estivesse lendo algo nela. Observe como a folha de papel se transforma numa fronteira que divide o espaço. Mesmo que seja fina e transparente, feita de algumas fibras ralas entrelaçadas, ainda é, sem dúvida, uma fronteira. Na verdade, como fronteira, ela divide uma grande quantidade de moléculas, átomos e partículas subatômicas. Ao segurá-la à sua frente, você e bilhões de coisas estão de um lado, e bilhões de outras coisas — cadeiras, janelas, carros, pessoas, parques, montanhas e oceanos — estão de outro.

E, ainda assim, do seu lado do papel, você pode ver, ouvir e acessar o outro lado com muita facilidade — com efeito, alguns de seus

dedos já estão lá, ao segurar o papel. Os lados podem estar separados, mas, na prática, eles são um só e o mesmo lado. O outro lado do papel está *bem ali*.

Ao deparar com o termo “Outro Lado” neste livro, lembre-se da folha de papel. Pergunte-se: *E se a fronteira entre nossa vida terrena e nossa vida depois da morte for tão tênue e permeável quanto uma única folha fina de papel?*

E se o Outro Lado estiver bem ali?